

I

O PIOR SONHO DO MUNDO

5-1 A. V.

A estrada que conduz à morte é uma longa marcha semeada de toda a classe de perigos, e, aos poucos, o coração vai enfraquecendo em face de cada novo horror, os ossos revoltam-se a cada passo, a mente ergue a sua própria resistência amargurada, e para quê? As barreiras caem uma por uma, e nenhum tapar dos olhos pode ocultar a paisagem do desastre, ou a visão dos crimes que por lá foram cometidos.

KATHERINE ANNE PORTER,

*Pale Horse, Pale Rider*¹

¹ *Cavalo Mortiço, Cavaleiro Pálido. (N. do T.)*

UM

Antes de se tornar a Rapariga de Nenhures — Aquela Que Chegou, a Primeira e Última e Única, que viveu mil anos —, ela era apenas uma menina que vivia no Iowa e se chamava Amy. Amy Harper Bellafonte.

No dia em que Amy nasceu, Jeanette, a sua mãe, tinha dezanove anos. Jeanette chamou Amy à sua bebé em homenagem à sua própria mãe, que morrera quando ela era pequena, e escolhera Harper como segundo nome em homenagem a Harper Lee, a autora de *Por Favor não Matem a Cotovia*, o livro favorito de Jeanette — na verdade, o único livro que ela lera até ao fim enquanto andava no liceu. Podia ter escolhido o nome da menina da história, Scout, porque queria que a sua bebé fosse assim quando crescesse — rija, engraçada e esperta, como ela, Jeanette, jamais conseguira ser. Mas Scout era nome de rapaz e ela não queria que a sua filha tivesse de passar a vida inteira a explicar algo assim.

O pai de Amy era um homem que certo dia entrara no restaurante onde Jeanette trabalhava como empregada de mesa desde que completara dezasseis anos, um restaurante a que todos chamavam «o Caixote», porque era isso o que parecia: uma enorme caixa de sapatos cromada junto à estrada municipal, com milheirais e campos de feijão, sem nada mais à volta por quilómetros e quilómetros exceto uma lavagem de automóveis *self-service*, do tipo em que o utilizador tinha de inserir moedas na máquina e fazer ele mesmo todo o serviço. O homem, que se chamava Bill Reynolds, vendia segadoras, ceifeiras-debulhadoras e outras máquinas grandes desse tipo, e era um tipo de falas doces que disse a Jeanette, quando ela lhe serviu o café — e,

depois disso, uma e outra vez —, como ela era bonita, como ele gostava do seu cabelo cor de carvão, dos seus olhos cor de avelã e dos seus pulsos delicados, disse-lhe tudo isso num tom que parecia sincero, e não como os rapazes costumavam fazer na escola — como se aquelas palavras fossem apenas algo que tivesse de ser dito para ela os deixar fazer o que eles queriam. Bill tinha um daqueles carros grandes, um *Pontiac* novinho em folha, com um tabliê que se iluminava como uma nave espacial e assentos de couro macios como manteiga. Ela podia amar aquele homem, pensou Jeanette, amá-lo mesmo a sério, de verdade. Mas ele ficou na cidade apenas durante alguns dias e depois seguiu caminho. Quando ela contou ao pai o que acontecera, este respondeu-lhe que queria ir à procura do tal homem e fazê-lo assumir as responsabilidades. Mas o que Jeanette sabia e não disse ao pai era que Bill Reynolds era casado, um homem casado; tinha uma família em Lincoln, no Nebraska. Chegara até a mostrar-lhe as fotografias dos filhos, que trazia na carteira — dois rapazinhos vestidos com equipamento de basebol, chamados Bobby e Billy. Por isso, por mais vezes que o pai lhe perguntasse quem era o homem que lhe fizera aquilo, Jeanette não lhe disse. Não lhe disse sequer o seu nome.

E, na verdade, ela não se importava com o sucedido, não verdadeiramente — com a gravidez, que foi fácil até ao fim, ou com o parto, doloroso mas rápido, e, acima de tudo, não se importou de ter uma bebé, a sua pequena Amy. Para mostrar a Jeanette que decidira perdoar-lhe, o pai transformara o antigo quarto do irmão dela num quarto para a bebé, fora ao sótão buscar o velho berço, aquele onde Jeanette dormira há muitos anos, e levava-a ao Walmart nos últimos meses antes do parto, para comprar algumas coisas de que ela iria precisar, como um pijama, uma pequena banheira de plástico e um móbile de corda para pendurar sobre o berço. Lera num livro que os bebés precisavam de coisas assim, coisas para onde olhar, para que os seus pequenos cérebros se ligassem e comesçassem a funcionar como deve ser. Desde o início, Jeanette pensou sempre no bebé como sendo uma «ela», porque no íntimo desejava ter uma menina, mas sabia que aquele era o tipo de coisa que não devia dizer a ninguém, nem mesmo a si própria. Ao fazer uma ecografia no hospital de Cedar Falls, perguntou à mulher, uma senhora vestida com uma bata às flores que ia fazendo o pequeno dispositivo de plástico deslizar sobre o seu estômago, se lhe podia dizer o sexo do bebé; mas a mulher riu-se, observou no monitor a imagem do seu bebé, do bebé que dormia dentro dela, e disse:

— Querida, este bebê é tímido. Umas vezes conseguimos saber e outras não, e neste caso é a segunda.

Por isso, Jeanette não ficou a saber se era menino ou menina e decidiu que isso não tinha a menor importância; e, depois de ela e o pai esvaziarem o quarto do irmão e levarem para o andar de baixo as suas velhas bandeiras e pôsteres — Jose Canseco, um grupo musical chamado Killer Picnic, as Bud Girls —, e verem como as paredes estavam sujas e em mau estado, pintaram-nas de uma cor que, segundo o rótulo na lata, se chamava «Hora dos Sonhos» — um tom algures entre o rosa e o azul, que seria adequado fosse qual fosse o sexo do bebê. O pai colou uma tira de papel de parede junto ao teto, a toda a volta do quarto, com um padrão de patos a chapinharem na água, e restaurou uma velha cadeira de baloiço em madeira de ácer que comprara num leilão, para que, quando Jeanette trouxesse o bebê para casa, tivesse onde se sentar com ela ao colo.

A bebê nasceu no verão, a menina que ela desejara e a quem chamou Amy Harper Bellafonte; parecia-lhe inútil dar-lhe o nome Reynolds, o apelido de um homem que Jeanette supunha que jamais tornaria a ver e que, agora que tinha Amy consigo, já não desejava reencontrar. E era impossível arranjar um nome melhor que Bellafonte. Significava «bela fonte» e era isso o que Amy era. Jeanette dava-lhe de mamar, embalava-a e mudava-lhe a fralda, e, quando Amy chorava a meio da noite porque estava molhada, porque tinha fome ou porque não gostava do escuro, Jeanette ia aos tropeções pelo corredor até ao seu quatinho, não importava a hora ou o quanto ela estava exausta depois de um dia de trabalho no Caixote, pegava-lhe ao colo e dizia-lhe que estava ali, que estaria sempre ali, *tu choras e eu venho a correr, é esse o nosso acordo, tu e eu, para sempre, minha pequenina Amy Harper Bellafonte*. E segurava-a nos braços e embalava-a até a luz da madrugada incidir nos estores e se ouvirem pássaros a cantar lá fora nos ramos das árvores.

E então Amy completou três anos e Jeanette ficou só. O seu pai morreu, disseram-lhe que de um ataque de coração ou talvez de uma apoplexia. Não era o tipo de coisa que fosse necessário verificar. O que quer que tenha sido, aconteceu bem cedo numa manhã de inverno, quando ele se dirigia para o seu camião para ir trabalhar no elevador; apenas teve tempo para pousar o café no guarda-lamas e então caiu e morreu, não chegando a entornar uma gota de café. Ela ainda trabalhava no Caixote, mas agora o dinheiro não chegava

para Amy e para o resto, e o seu irmão, a trabalhar na Marinha algures, não respondia às suas cartas.

«Deus inventou o Iowa», costumava ele dizer, «para as pessoas se irem embora e nunca mais regressarem.» Jeanette perguntava-se o que devia fazer.

E então certo dia um homem entrou no restaurante. Era Bill Reynolds. Estava de algum modo diferente e a mudança não era boa. O Bill Reynolds que ela recordava — e tinha de admitir que de tempos a tempos ainda pensava nele, sobretudo nos pequenos detalhes, por exemplo a forma como o seu cabelo arruivado lhe caía para a testa quando ele falava ou como soprava o café antes de sorver, mesmo que já não estivesse quente — tinha algo, uma espécie de luz morna que emanava do interior e que a fazia desejar aproximar-se. Fazia-a recordar aqueles pequenos tubos de plástico que se partem para que o líquido no interior os faça brilhar. Aquele era o mesmo homem, mas o brilho desaparecera. Parecia mais velho e mais magro. Jeanette notou que ele não se barbeara nem penteara o cabelo — engordurado e espetado em todas as direções —, e também não vestia um pólo engomado como anteriormente, mas apenas uma vulgar camisa de trabalho, como as que o pai dela costumava usar, por fora das calças e com manchas debaixo dos braços. Tinha o aspeto de alguém que passara a noite ao relento ou dentro de um carro algures. Os seus olhares cruzaram-se quando ele parou à porta e então Jeanette seguiu-o até uma das cabines do fundo.

— O que estás a fazer aqui?

— Deixei-a — disse Bill, e, enquanto ele a observava, Jeanette sentiu o cheiro a cerveja no seu hálito, e também o do suor e das roupas sujas. — Arrumei o assunto, Jeanette. Deixei a minha mulher. Sou um homem livre.

— Guiaste até aqui para me dizeres isso?

— Pensei muito em ti. — Bill aclarou a garganta. — Muito, mesmo. Pensei em nós.

— Que «nós»? Não há nenhum «nós». Não podes entrar aqui desta maneira e dizer-me que tens andado a pensar em nós.

Ele endireitou-se no assento.

— Bem, é o que estou a fazer. Estou a fazê-lo neste instante.

— Isto está muito movimentado, não vês? Não posso estar aqui à conversa contigo. Tens que pedir alguma coisa.

— Está bem — respondeu ele, mas não consultou o menu afixado na parede, mantendo o olhar fixo nela. — Quero um *cheeseburger*. Um *cheeseburger* e uma *Coca-Cola*.

Enquanto anotava o pedido, com as palavras a dançar-lhe diante dos olhos, Jeanette compreendeu que começara a chorar. Parecia-lhe que não dormia há um mês ou um ano. O peso da exaustão era suportado apenas por um fio de força de vontade. Houvera um tempo em que ela queria fazer alguma coisa da sua vida — talvez ser cabeleireira, tirar o certificado, abrir um pequeno estabelecimento, mudar-se para uma cidade a sério, como Chicago ou Des Moines, alugar um apartamento, ter amigos. Desde sempre tivera na mente a imagem de si mesma sentada num restaurante ou num café elegante; era outono e lá fora estava frio, e ela estava a sós numa pequena mesa junto à janela, a ler um livro. Sobre a mesa estava uma chávena de chá fumegante. Ela olhava pelo vidro e via as pessoas naquela rua da cidade onde ela estava, andando para lá e para cá com os seus casacos quentes e chapéus, e via também o seu próprio rosto refletido no vidro, suspenso sobre a imagem de toda a gente lá fora. Mas, ali de pé, parecia-lhe que todas aquelas ideias pertenciam a alguém completamente diferente. Agora havia Amy, que passava metade do tempo constipada ou com qualquer coisa do estômago que apanhara na creche imunda onde ficava nos dias em que Jeanette estava a trabalhar no Caixote, e o seu pai morrera sem mais nem menos, tão depressa que mais parecia que caíra por um alçapão na superfície da terra, e Bill Reynolds estava sentado à mesa como se apenas se tivesse ausentado por um instante, em vez de quatro anos.

— Porque me estás a fazer isto?

Ele aguentou o olhar de Jeanette sobre si por um longo momento e depois pousou a sua mão sobre a dela.

— Vem ter comigo mais logo. Por favor.

E acabou por ficar a viver na casa com ela e com Amy. Jeanette não sabia bem se fora ela a sugerir aquilo ou se simplesmente acontecera. Fosse como fosse, arrependeu-se imediatamente. Quem era realmente este Bill Reynolds? Abandonara a mulher e os filhos, Bobby e Billy, com os seus equipamentos de basebol; deixara tudo para trás, no Nebraska. Já não tinha o *Pontiac* e também não tinha um emprego. Também isso mudara. Com a economia no estado em que estava, explicou ele, ninguém lhe comprava nada. Disse a Jeanette que tinha um plano, mas, tanto quanto ela podia ver, o seu único plano era ficar sentado em casa sem fazer nada por Amy, ou tão-pouco lavar a louça do pequeno-almoço, enquanto ela passava o dia a trabalhar no Caixote. Bateu-lhe pela primeira vez ao fim de três meses; estava bêbado e, logo que fez aquilo, desfez-se em lágrimas e pediu-

-lhe desculpa uma vez e outra. Caiu de joelhos, a balbuciar por entre as lágrimas, como se tivesse sido *ela* a fazer-lhe alguma coisa. Ela tinha de entender, dizia ele, como tudo aquilo era tão difícil, todas aquelas mudanças na vida dele; era mais do que um homem, qualquer homem, podia suportar. Disse-lhe que a amava, que lamentava o sucedido e que aquilo não tornaria a acontecer. *Jurou*. Não voltaria a fazer nada assim, fosse a ela ou a Amy. E, por fim, Jeanette ouviu-se a pedir também desculpa.

Bill batera-lhe por causa de dinheiro; quando o inverno chegou e ela não tinha saldo na conta à ordem para pagar o petróleo para o aquecimento, ele tornou a bater-lhe.

— Raios te partam, mulher. Não vês que não se pode estar aqui desta maneira?

Ela estava caída no chão da cozinha, com uma mão a pressionar o lado da cabeça. Ele batera-lhe com tanta força que a mandara pelos ares. Era engraçado: agora que estava ali caída, conseguia ver o quanto o chão estava sujo, cheio de manchas e de porcaria, com sujidade amontoada e sabe-Deus-o-quê empurrado para debaixo dos armários, onde não se via. Uma parte da sua mente registava tudo isto enquanto a outra lhe dizia: «Não estás a pensar em condições, Jeanette; o Bill bateu-te e fez saltar um parafuso, e por isso agora estás a pensar no chão sujo.» E também havia algo estranho na forma como o mundo em redor lhe soava. Amy estava a ver televisão lá em cima, num pequeno aparelho que tinha no seu quarto, e que Jeanette conseguia ouvir como se estivesse a trabalhar dentro da sua cabeça — Barney, o dinossauro roxo, e uma canção sobre lavar os dentes; e também, vindo de muito longe, o som do camião do petróleo a afastar-se, o motor a roncar ao sair da propriedade e entrar na estrada municipal.

— Esta casa não é tua — disse ela.

— Lá nisso tens razão. — Bill agarrou numa garrafa de *Old Crow* que estava sobre o balcão e verteu um pouco num frasco de compota, embora ainda fossem apenas dez da manhã. Sentou-se à mesa mas não cruzou as pernas, como se não quisesse instalar-se confortavelmente. — E também não é o meu petróleo.

Jeanette voltou-se no chão e tentou pôr-se de pé, mas não conseguiu. Ficou parada um instante a vê-lo beber.

— Sai.

Ele riu-se, sacudiu a cabeça e bebeu um trago de uísque.

— É cómico — disse então. — Tu assim, caída no chão, a dizeres-me isso.

— Estou a falar a sério. Sai.

Amy entrou na cozinha. Trazia o coelhinho de peluche que continuava a levar consigo para toda a parte e tinha vestidas umas jardineiras — as de boa qualidade, com morangos bordados à frente, que Jeanette lhe comprara no OshKosh B'Gosh, um *outlet* ali na cidade. Uma das alcinhas desabotoara-se e estava caída pela cintura. Jeanette pensou que talvez tivesse sido Amy a fazer aquilo, por ter de ir à casa de banho.

— Mamã, estás no chão.

— Está tudo bem, querida. — E pôs-se de pé para mostrar a Amy que não havia nenhum problema. Tinha um ligeiro zumbido no ouvido esquerdo, como se fosse um desenho animado e tivesse pássaros a voar-lhe à volta da cabeça. Notou que tinha também um pouco de sangue na mão; não sabia de onde aquilo viera. Pegou em Amy ao colo e esforçou-se por sorrir.

— Vês? A mamã deu um trambolhão, só isso. Precisas de fazer chichi, querida? Tens que usar o penico?

— Olha só para ti — dizia Bill. — Queres fazer o favor de olhar para ti? — Tornou a abanar a cabeça e bebeu mais um trago. — Sua puta estúpida. O mais certo é ela nem ser minha.

— Mamã — disse Amy, a apontar —, fizeste uma ferida. Tens um corte no nariz.

E, fosse por causa do sangue ou do que ouvira, a menina começou a chorar.

— Vês o que fizeste? — perguntou Bill, falando depois para Amy. — Então, então? Não é nada de mais, às vezes os pais discutem, as coisas são mesmo assim.

— Já te disse para te ires embora daqui.

— E o que farias tu depois, podes dizer-me? Nem sequer sabes encher o depósito do aquecimento.

— Achas que eu não sei fazer isso? Podes ter a certeza de que não preciso que tu me ensines.

Amy começou a chorar convulsivamente. Segurando-a nos braços, Jeanette sentiu um jato quente encharcar-lhe a cintura quando a pequenina se urinou pelas pernas abaixo.

— Por amor de Deus, cala essa miúda.

Jeanette segurou firmemente Amy contra o peito.

— Tens razão. Ela não é tua. Não é nem nunca vai ser. Sai daqui ou juro que ligo ao xerife.

— Não me faças isto, Jean. Estou a falar a sério.

— Bem, já estou a fazer. É exatamente isso o que estou a fazer.

E então ele levantou-se e começou a bater as portas pela casa fora, recolhendo as suas coisas e atirando-as para as caixas de cartão que usara para as trazer para a casa, há alguns meses. Porque não pensara ela, nessa altura, em como era estranho ele não ter sequer uma mala em condições? Sentou-se à mesa da cozinha, segurando Amy ao colo, a observar o relógio por cima do fogão e a contar os minutos até ele regressar à cozinha para lhe bater outra vez.

Mas então escutou a porta da frente a abrir-se e os passos pesados de Bill no alpendre. Durante algum tempo ele foi entrando e saindo, levando as caixas lá para fora e deixando a porta aberta, de tal forma que o ar frio se espalhou pela casa. Por fim regressou à cozinha, deixando um rasto de neve atrás de si, pequenos amontoados espalhados pelo chão, com a forma das solas das suas botas.

— Tudo bem. Tudo bem. Queres que eu me vá embora? Então vê com atenção. — Agarrou na garrafa de *Old Crow* que deixara sobre a mesa. — É a tua última oportunidade — disse.

Jeanette não disse nada; nem sequer olhou para ele.

— Então, é assim que as coisas são. Certo. Importas-te que beba mais um para o caminho?

E foi então que Jeanette desferiu um golpe com o braço, acertando no copo com a mão aberta e atirando-o para o outro lado da cozinha, como se o copo fosse uma bola de pingue-pongue e a sua mão uma raquete. Soubera que ia fazer aquilo cerca de meio segundo antes de o fazer, ciente de que aquela não era a melhor ideia que alguma vez tivera, mas então já era demasiado tarde. O copo atingiu a parede com uma pancada surda e caiu ao chão sem se partir. Jeanette fechou os olhos, apertando Amy contra si, sabendo o que vinha a seguir. Por um momento, pareceu-lhe que nada mais existia naquela cozinha para lá do som do copo a rolar pelo chão. Sentiu a fúria de Bill a subir-lhe pelo corpo como vagas de calor.

— Presta atenção ao que o mundo tem reservado para ti, Jeanette. Lembra-te do que te estou a dizer.

E então os seus passos levaram-no dali para fora e Bill desapareceu.

Jeanette pagou o que podia ao fornecedor do petróleo e baixou o termóstato para os dez graus, para fazer o petróleo durar.

— Vês, Amy, querida, é como se estivéssemos a acampar — disse, enquanto calçava mitenes nas mãos da filha e lhe punha um gorro na cabeça. — Pronto, já não está tanto frio, só um bocadinho. É como uma aventura.

Dormiram juntas sob uma pilha de colchas velhas, o quarto tão frio que as suas expirações deixavam nuvens de vapor diante dos seus rostos. Jeanette aceitou um trabalho noturno a fazer limpezas na escola secundária, deixando Amy com uma vizinha, mas, quando a mulher adoeceu e teve de ser internada no hospital, Jeanette passou a ter de deixar Amy sozinha. Explicou à filha o que tinha de fazer: «Fica na cama e não abras a porta a ninguém; fecha os olhos e daqui a pouco eu já estou outra vez em casa.» Certificava-se de que Amy estava a dormir antes de sair de casa sem fazer ruído e descia rapidamente o acesso particular coberto de neve, caminhando até onde deixara estacionado o carro, afastado da casa para Amy não a ouvir a ligar o motor.

Mas então, uma noite, caiu no erro de contar isto a alguém, uma colega de trabalho, quando as duas tinham ido lá fora fumar um cigarro. Jeanette nunca gostara de fumar e não queria gastar esse dinheiro, mas os cigarros ajudavam-na a manter-se acordada, e sem uma pausa para um cigarro não tinha nada por que ansiar, apenas mais sanitas para esfregar e corredores para lavar. Pediu à mulher, que se chamava Alice, para não contar aquilo a ninguém, pois sabia que podia meter-se em sarilhos ao deixar Amy a sós daquela maneira, mas claro que foi exatamente isso o que Alice fez; foi falar com o superintendente, que despediu Jeanette logo de seguida.

— Não está certo deixar uma criança dessa maneira — disse-lhe ele no escritório ao lado da sala das caldeiras, um escritório que não teria mais de nove metros quadrados, com uma mesa de metal amolgada, uma velha poltrona com o enchimento a espreitar e um calendário na parede que nem sequer era daquele ano; estava sempre tão abafado ali dentro que Jeanette mal conseguia respirar. — E dá graças por eu não te denunciar — acrescentou ele. Ela perguntou-se quando se teria tornado no tipo de pessoa a quem os outros podiam dizer algo assim sem estarem a ser injustos. Até então ele sempre a tratara em condições, e talvez ela pudesse tê-lo feito entender a situação, ter-lhe explicado que sem o dinheiro das limpezas não saberia o que fazer, mas estava demasiado cansada para encontrar as palavras certas. Recebeu o seu último cheque e foi para casa no seu carro velho e miserável, o *Kia* que comprara quando andava no liceu, e que nessa altura já tinha seis anos, e que agora estava a cair aos bocados com tal rapidez que ela quase podia ver, pelo retrovisor, as porcas e os parafusos que iam ficando para trás na estrada; e, quando parou no Quick Mart para comprar um maço de *Capris* e depois não

conseguiu tornar a pôr o motor a trabalhar, começou a chorar. Não conseguiu parar de chorar durante meia hora.

O problema era a bateria; uma nova custar-lhe-ia oitenta e três dólares na Sears, mas naquela altura já ela estivera uma semana inteira sem ir trabalhar no Caixote, acabando por perder também esse emprego. O dinheiro que lhe sobrava chegava à conta para se ir embora dali, e foi o que fez, depois de juntar as suas coisas e as de Amy em dois sacos de mercearia e nas caixas de cartão que Bill deixara para trás.

Ninguém chegou a saber o que fora feito delas as duas. A casa ficou vazia; os canos congelaram e racharam como fruta madura. Quando a primavera chegou, foram perdendo água por dias a fio, até que a companhia, notando que ninguém andava a pagar as contas, mandou dois funcionários à casa para cortar o fornecimento. Os ratos instalaram-se no interior e, quando o vidro de uma janela no primeiro andar se partiu durante uma trovoadade verão, também as andorinhas, fazendo os seus ninhos no quarto onde Jeanette e Amy tinham dormido ao frio, e depressa a casa se encheu dos sons e do cheiro dos pássaros.

Em Dubuque, Jeanette fazia o turno da noite numa estação de serviço, enquanto Amy dormia num sofá na sala do fundo, até que o patrão descobriu aquilo e a despediu. Era verão, estavam as duas a viver no *Kia* e a usar a casa de banho por trás da estação para fazerem a sua higiene, e por isso partir era apenas uma questão de ligar o motor do carro. Durante algum tempo ficaram em casa de uma amiga de Jeanette em Rochester, uma rapariga que ela conhecera na escola e que se mudara para ali para tirar o curso de enfermagem; Jeanette conseguiu um trabalho a lavar o chão no mesmo hospital onde a amiga trabalhava, mas recebia apenas o ordenado mínimo, e o apartamento da amiga era demasiado pequeno para ela lá ficar com a filha. Então mudou-se para um motel, mas não havia ninguém para cuidar de Amy; a amiga não podia e ela não conhecia mais ninguém que pudesse, e acabaram outra vez a viver no *Kia*. Era setembro; o ar já arrefecera. Ouvia-se falar de guerra na rádio durante o dia inteiro. Jeanette seguiu para sul, conseguindo chegar a Memphis antes de o *Kia* se avariar de vez.

O homem que lhes deu boleia num *Mercedes* disse chamar-se John — uma mentira, julgou ela, pela forma como ele o dissera, como uma criança a contar que foi outra pessoa a partir o candeeiro, avaliando-a com o olhar por um instante antes de falar.

— Chamo-me... John.

Jeanette supôs que ele teria cinquenta anos, mas não era boa a calcular essas coisas. O homem tinha uma barba bem aparada e vestia um fato escuro de corte justo, como o diretor de uma casa funerária. Enquanto conduzia ia observando Amy pelo retrovisor, remexendo-se no assento e fazendo a Jeanette perguntas sobre si mesma, para onde ia, que tipo de coisas gostava de fazer e o que a trazia ao grande estado do Tennessee. O carro daquele homem recordava a Jeanette o *Grand Prix* de Bill Reynolds — embora fosse melhor. Com as janelas fechadas mal se ouviam os sons do exterior e os assentos eram tão macios que ela se sentiu como se estivesse sentada num prato de sorvete. Estava a ficar com sono. Quando pararam no motel ela praticamente não se importou com o que estava prestes a acontecer. Parecia-lhe inevitável. Estavam perto do aeroporto; aquela região era plana, como o Iowa, e no crepúsculo ela avistou as luzes dos aviões que voavam em torno da pista, descrevendo arcos vagarosos e indolentes, como alvos numa carreira de tiro.

— Amy, querida, a mamã vai ali dentro um instante com este senhor simpático, está bem? Fica aí entretida com o teu livro, meu amor.

Ele foi razoavelmente cuidadoso, fazendo o que tinha a fazer, chamando-lhe «querida» e outros nomes do género, e antes de sair deixou cinquenta dólares na mesa de cabeceira — o suficiente para Jeanette pagar um quarto, por uma noite, para si e para Amy.

Mas os outros não eram tão bondosos.

Durante a noite, Jeanette trancava Amy no quarto, com a televisão ligada para fazer barulho, e, caminhando até à estrada principal diante do motel, ficava ali parada casualmente; nunca demorava muito. Alguém parava o carro, sempre um homem, e, depois de discutirem os termos, ela levava-o para o motel. Antes de deixar o homem entrar no quarto, entrava primeiro ela sozinha e levava Amy para a casa de banho, onde lhe fizera uma cama na banheira com algumas almofadas e cobertores que havia a mais.

Amy tinha seis anos. Era uma menina sossegada que quase não abria a boca, mas sozinha aprendera mais ou menos a ler, de tanto olhar para os mesmos livros, e também sabia fazer contas. Certa vez, quando estavam a ver a *Roda da Fortuna* e chegara o momento de a concorrente usar o dinheiro que tinha ganho, a menina soube exatamente o que a concorrente podia comprar — não tinha dinheiro para

a viagem a Cancún, mas podia comprar a mobília de sala e ainda lhe sobrava dinheiro para os tacos de golfe «dele e dela». Jeanette supôs que aquilo revelava que Amy provavelmente era esperta, ou talvez mais do que esperta, e pensou que a filha talvez devesse estar na escola, mas não sabia onde ficavam as escolas daquela zona. Por toda a parte via apenas oficinas, lojas de penhores e motéis como aquele onde as duas viviam, o SuperSix. O dono era muito parecido com Elvis Presley — não quando ele era jovem e atraente, mas quando já estava envelhecido e gordo, com o cabelo empastado e enormes óculos dourados que faziam os seus olhos parecer peixes num tanque, e usava um casaco de cetim com um relâmpago nas costas, tal como Elvis usara. Passava a maior parte do tempo sentado à sua secretária atrás do balcão, a jogar à paciência e a fumar uma ponta de charuto com uma boquilha de plástico. Jeanette pagava-lhe semanalmente o quarto em dinheiro vivo e, por mais cinquenta dólares, ele não a incomodava de todo. Certo dia ele perguntou-lhe se ela tinha alguma coisa para se proteger e se não queria talvez comprar-lhe uma arma. «Sem dúvida, quanto é?», respondeu-lhe Jeanette, e então ele pediu-lhe mais cem dólares. Mostrou-lhe um pequeno revólver ferrugento, de calibre 22, e quando ela o agarrou com a mão direita, ali no escritório, não lhe pareceu grande coisa, muito menos algo capaz de matar alguém. Mas era suficientemente pequeno para caber na mala de mão que ela levava consigo quando ia para a beira da estrada e não lhe pareceu má ideia ter aquilo a jeito.

— Cuidado ao apontá-lo — advertiu o gerente do motel.

— OK, se tem medo disto, então deve funcionar. Acabou de vender uma arma — respondeu Jeanette.

Ficou satisfeita com a compra. Bastou-lhe saber que tinha aquilo na mala para compreender que antes tivera medo e que agora já não tinha, ou pelo menos não tanto como antes. A arma era como um segredo, o segredo de quem ela era, como se trouxesse o último pedacinho de si mesma dentro da mala de mão. A outra Jeanette, aquela que parava junto à estrada com a sua saia e *top* justo, que rodava a anca, sorria e dizia: «Queres o quê, amor? Posso ajudar-te com alguma coisa esta noite?» — essa Jeanette era alguém inventado, como uma mulher numa história cujo fim ela não tinha a certeza de querer saber.

O homem que lhe disse para entrar no carro, na noite em que tudo aconteceu, não era quem ela pensava que fosse. Geralmente, era fácil distinguir os maus, e por vezes ela dizia «não, obrigado», e continuava

a andar. Mas aquele pareceu-lhe simpático — um universitário, julgou ela, ou pelo menos suficientemente novo para andar na universidade, bem-vestido, com calças de caqui muito bem engomadas e uma daquelas camisas com um homenzinho a cavalo e a segurar um taco. Parecia vestido para um encontro a dois, o que a fez rir-se entredentes ao entrar no carro, um enorme *Ford Expo* com um suporte no tejadilho para transportar uma bicicleta ou algo do género.

Mas então aconteceu algo estranho. Ele não seguiu para o motel. Alguns homens queriam que ela os despachasse ali mesmo, dentro do carro, não se dando sequer ao trabalho de desligar o motor, mas quando ela começou a fazer o serviço, julgando que era isso o que ele pretendia, ele afastou-a delicadamente. Queria levá-la a sair, foi o que lhe disse.

— Como assim, «a sair»? — perguntou ela.

— A um lugar simpático — explicou ele. — Não preferes ir a um lugar simpático qualquer? Posso pagar-te mais do que costumavas receber.

Ela pensou em Amy a dormir no quarto e pareceu-lhe que não faria grande diferença, fosse como fosse.

— Desde que não demore mais de uma hora — respondeu. — E depois tens de me trazer de volta.

Mas demorou mais de uma hora, muito mais; quando chegaram ao tal lugar, Jeanette estava com medo. Aproximaram-se de uma casa com um enorme letreiro por cima do alpendre, onde se viam três formas que quase pareciam letras, mas não exatamente, e Jeanette percebeu o que aquilo era: uma república universitária masculina. Um lugar onde um grupo de meninos ricos vivia e se embebedava às custas do papá, ao mesmo tempo que fingiam estar a estudar para serem médicos e advogados.

— Vais gostar dos meus amigos — disse ele. — Anda daí, quero que os conheças.

— Não vou entrar ali — respondeu ela. — Leva-me de volta imediatamente.

Ele fez uma pausa, com ambas as mãos pousadas sobre o volante, e, quando ela viu o seu rosto e a expressão no seu olhar, aquela fome lenta e enlouquecida, subitamente já não o achou com ar de bom rapaz.

— Isso — retorquiu ele — não é opção. Devo dizer que, de momento, essa possibilidade não consta do menu.

— O raio é que não consta.

Jeanette empurrou a porta da carrinha e saiu, não parando para pensar que não sabia onde estava, mas depois ele também saiu e agarrou-a pelo braço. Era agora bastante óbvio o que a esperava no interior daquela casa, o que ele queria, como tudo se iria passar. A culpa era dela por não o ter percebido antes — muito antes, talvez mesmo na época do Caixote, no dia em que Bill Reynolds lá entrara. Jeanette percebeu que o rapaz também estava com medo — que alguém o estava a obrigar a fazer aquilo, talvez os amigos no interior da casa, ou pelo menos seria o que ele sentia. Mas ela não queria saber de nada disso. Ele aproximou-se dela por trás e tentou passar-lhe um braço em volta do pescoço e prendê-la com o cotovelo, e então, com a parte de trás do punho, ela esmurrou-o com toda a força ali onde doía a sério, e ele gritou, chamando-lhe cabra e puta e tudo o mais, e esbofeteou-a. Ela desequilibrou-se e caiu para trás, e depois ele pôs-se em cima dela, uma perna de cada lado da sua cintura, como um jóquei montado a cavalo, esbofeteando-a e esmurrando-a, tentando prender-lhe os braços. Se ele conseguisse imobilizá-la, seria o fim. Ele provavelmente não queria saber se ela estava ou não consciente enquanto ele fazia o serviço, pensou Jeanette; nenhum deles se importaria, fosse como fosse. Enfiou uma mão na mala, caída sobre a relva. A sua vida parecia-lhe tão estranha que era como se tivesse deixado de ser a sua vida. Se é que alguma vez fora. Mas, para um revólver, tudo fazia sentido. Um revólver sabia o que era o quê, e ela sentiu o metal frio da arma a escorregar para a palma da sua mão, como se quisesse estar ali. A sua mente disse-lhe «Não penses, Jeanette», e ela encostou o cano à fonte do rapaz, sentindo a pele e o osso ali onde a ponta do cano estava a fazer pressão, calculando que de tão perto não poderia falhar, e então puxou o gatilho.

Jeanette precisou do resto da noite para regressar a casa. Depois de o rapaz ter tombado de cima dela, correu o mais rapidamente que conseguia para a maior estrada que avistou, uma ampla alameda reluzindo sob a luz dos candeeiros de rua, mesmo a tempo de apanhar um autocarro. Não sabia sequer se tinha sangue na roupa, mas o motorista mal olhou para ela enquanto lhe explicava como podia regressar ao aeroporto, e ela sentou-se na parte de trás, onde ninguém a poderia ver. De qualquer modo, o autocarro estava quase vazio. Jeanette não fazia ideia de onde estava; o autocarro foi passando por ruas cheias de casas e lojas, tudo às escuras, por uma igreja e depois pelo letreiro de um jardim zoológico, e por fim chegou à baixa. Ali,

sob uma paragem com proteções em vidro acrílico, tremendo devido à humidade, Jeanette esperou pelo segundo autocarro. Perdera o relógio algures e não sabia que horas eram. Talvez se tivesse soltado do seu pulso durante a luta e a polícia pudesse usá-lo como pista. Mas era um vulgar *Timex* comprado no Walgreens e parecia-lhe que não seria de grande ajuda para resolver o caso. A arma era o elemento decisivo; deixara-a caída na relva, ou pelo menos era o que se lembrava de ter feito. A sua mão estava ainda um pouco dormente devido à força do coice da arma no seu pulso, e os ossos pareciam reverberar como um diapasão que não podia ser parado.

Quando chegou ao motel, o Sol estava a nascer; Jeanette sentiu a cidade a acordar. Sob a luz acinzentada, entrou no quarto. Amy estava a dormir com a televisão ligada e no ecrã estava a passar um programa de *teleshopping* a promover uma máquina de exercício. Um homem musculoso, com um rabo de cavalo e uma boca enorme, como a de um cão, ia latindo sem produzir som. Jeanette calculou que teria talvez umas duas horas antes de alguém aparecer ali. Fora uma estupidez deixar a arma para trás, mas agora não lhe servia de nada pensar nisso. Passou água fria pela cara e escovou os dentes, não se olhando no espelho, e depois vestiu umas calças de ganga e uma *T-shirt*, agarrou nas roupas usadas — a minissaia, o *top* justo e o casaco com borlas que tinha vestido quando fora para a beira da estrada —, agora salpicadas de sangue e pedacinhos de algo que ela não queria saber o que era, saiu para as traseiras do motel, em direção aos contentores do lixo a tresandar, e enfiou-as num deles.

Era como se o tempo se estivesse de algum modo a comprimir, como um acordeão; todos os anos que ela vivera e tudo o que lhe acontecera fora subitamente esmagado pelo peso de um só momento. Lembrou-se das primeiras manhãs, quando Amy era ainda bebé, e ela a segurara nos braços e a embalara junto à janela, acabando por adormecer também. Essas manhãs tinham sido agradáveis e Jeanette nunca as esqueceria. Arrumou algumas coisas na mochila das Powerpuff Girls de Amy e, para si, pôs algumas roupas e dinheiro num saco de mercearia. Depois desligou a televisão e acordou Amy suavemente.

— Anda, querida. Acorda. Temos que ir.

A menina estava ainda meio a dormir, mas deixou que Jeanette a vestisse. Era sempre assim pela manhã, desorientada e meio desatenta, e Jeanette deu graças a Deus por não estar a fazer aquilo a outra hora do dia, quando teria tido de lhe dar explicações e convencê-la a cooperar. Deu à pequena uma barrinha de cereais e uma lata de refrige-

rante morno com sabor a uva, e depois as duas saíram e dirigiram-se para a estrada principal, para o lugar onde o autocarro parara para ela sair.

Jeanette lembrava-se de ter visto, durante o regresso ao motel, uma enorme igreja de pedra com um letreiro na fachada: «NOSSA SENHORA DAS DORES.» Se conseguisse apanhar a mesma carreira, passariam por lá.

Sentou-se com Amy na parte de trás, passando um braço em volta dos seus ombros para a manter junto a si. A menina falou uma única vez, dizendo que estava outra vez com fome, e Jeanette tirou outra barrinha de cereais da caixa que guardara na mochila de Amy, juntamente com as roupas lavadas, a escova e o coelhinho de peluche da filha. «Amy», pensou ela, «és a minha pequenina, a minha pequenina querida, desculpa, desculpa.» Na baixa mudaram de autocarro e a viagem demorou mais trinta minutos; ao ver o letreiro do jardim zoológico, perguntou-se se não teriam já passado pela igreja; mas então lembrou-se que avistara a igreja antes do jardim zoológico e por isso, estando agora a viajar em sentido contrário, seria depois.

E então viu-a. À luz do dia pareceu-lhe diferente, não tão grande, mas teria de servir. Saíram pela porta de trás e Jeanette subiu o fecho do casaco de Amy e pôs-lhe a mochila às costas enquanto o autocarro se afastava.

Então olhou e viu o outro letreiro, aquele que recordava da noite anterior, pendurado num poste à beira de um acesso particular que desaparecia por trás da igreja: «CONVENTO DAS IRMÃS DA MISERICÓRDIA.»

Segurou Amy pela mão e aproximou-se do acesso particular. Era delimitado dos dois lados por árvores enormes — uma espécie de carvalho —, com compridos ramos cobertos de musgo que se estendiam por cima das cabeças de ambas. Jeanette não sabia qual o aspeto de um convento, mas afinal era apenas uma casa, uma casa com um ar acolhedor, construída num tipo de pedra que brilhava ligeiramente, com telhado de madeira e molduras brancas nas janelas. Na frente havia uma horta e ela pensou que devia ser assim que as freiras se entretinham; iam ali para fora e cuidavam de coisas pequenas a crescer. Subiu os degraus até à porta da frente e tocou à campainha.

A mulher que foi abrir não era idosa, como Jeanette esperava, e não estava vestida com uma daquelas túnicas de freira, ou como raio se chamavam aquelas roupas que elas usavam. Era nova, pouco mais velha que Jeanette, e, à exceção do véu na cabeça, estava vestida como

outra pessoa qualquer — saia, blusa e sapatos rasos de enfiar. Para além disso, era negra. Antes de deixar o Iowa, Jeanette vira apenas duas pessoas negras na sua vida — sem contar com a televisão e o cinema. Mas Memphis estava cheia delas. Jeanette sabia que alguns tinham problemas com os negros, mas até ali ela nunca tivera e pareceu-lhe que uma freira negra serviria perfeitamente.

— Desculpe incomodá-la — começou por dizer. — O meu carro empanou na rua ali mais abaixo e pensei que...

— Claro — respondeu a mulher. A sua voz era estranha, não se parecendo com nenhuma outra que Jeanette alguma vez ouvira, como se houvesse notas musicais a ressoar por dentro de cada palavra. — Entre, entrem as duas.

A mulher afastou-se para o lado e Jeanette e Amy entraram no vestíbulo. Jeanette sabia que algures naquela casa havia outras freiras — talvez também negras — a dormir, a cozinhar, a ler ou a rezar, algo que ela supunha que as freiras faziam com frequência, talvez mesmo durante todo o dia. Como a casa estava em silêncio, calculou que acertara. Agora tinha de conseguir que a mulher a deixasse a sós com Amy. Para ela, era já um facto consumado, tal como o ter morto um rapaz na véspera e tudo o mais. O que estava prestes a fazer doía-lhe mais, mas, tirando isso, nada tinha de diferente, era apenas mais dor no mesmo sítio.

— Miss...?

— Oh, pode tratar-me por Lacey — respondeu a mulher. — Por aqui somos bastante informais. Esta pequenina é sua? — Ajoelhou-se diante de Amy. — Olá, como é que te chamas? Tenho uma sobrinha pequenina mais ou menos da tua idade e que é quase tão bonita como tu. — Ergueu o olhar para Jeanette. — A sua filha é muito tímida. Talvez seja por causa do meu sotaque. Venho da Serra Leoa, na África Ocidental, sabe? — Voltou-se novamente para Amy e agarrou-lhe na mão. — Sabes onde fica? É muito longe daqui.

— Todas as freiras deste convento vêm de lá? — perguntou Jeanette.

Pondo-se de pé, a mulher sorriu, mostrando os dentes muito brancos.

— Não, credo! Receio ser a única.

Por um instante, nenhuma das duas falou. Jeanette gostou daquela mulher, gostou do som da sua voz. Gostou da forma como ela agia com Amy, da forma como a olhava nos olhos quando falava com ela.

— Estava com pressa para a levar à escola, entende — explicou Jeanette —, e depois o meu carro decrépto... parou, simplesmente.

A mulher assentiu.

— Por favor, siga-me.

Conduziu Jeanette e Amy pelo corredor em direção à cozinha, uma divisão ampla com uma enorme mesa de carvalho e armários com pequenas placas: LOUÇA, ENLATADOS, MASSAS e ARROZ. Jeanette nunca imaginara uma freira a comer. Calculou que, com tantas a viver ali, era bom saber onde estava cada coisa ali na cozinha. A mulher indicou-lhe o telefone, que era dos antigos, castanho e com um fio comprido, pendurado na parede. Jeanette planeava razoavelmente o passo seguinte. Marcou um número enquanto a mulher colocava algumas bolachas — não de pacote, mas feitas mesmo por alguém — num pratinho para Amy e depois, enquanto uma mensagem gravada lhe dizia, do outro lado da linha, que hoje o céu iria estar enevoado, com máximas de doze graus e possibilidade de aguaceiros ao final da tarde, fingiu estar a falar para a seguradora e foi acenando com a cabeça.

— O reboque vem a caminho — disse depois, colocando o auscultador no suporte. — Disseram-me para esperar lá fora. Ao que parece, um dos funcionários deles está aqui muito perto.

— Bem, isso são boas notícias — disse a mulher num tom animado. — Hoje é o seu dia de sorte. Se quiser, pode deixar a sua filha aqui comigo. Assim não tem que se preocupar em cuidar dela numa rua com tanto movimento.

E pronto. Jeanette não teria de fazer mais nada. Bastava-lhe dizer «sim».

— Não lhe estou a causar incómodo?

A mulher tornou a sorrir.

— Vamos ficar muito bem as duas. Não vamos? — Lançou um olhar encorajador a Amy. — Vê? Ela está perfeitamente. Pode ir tratar do seu carro.

Amy estava sentada numa das cadeiras diante da enorme mesa de carvalho e à frente tinha um pratinho com bolachas e um copo de leite em que não tocara. Tirara a mochila das costas e estava a embalá-la no colo. Jeanette olhou-a durante tanto tempo quanto se podia permitir e depois ajoelhou-se e abraçou-a.

— Porta-te bem — disse, e, contra o seu ombro, Amy assentiu. Jeanette queria dizer-lhe mais alguma coisa, mas não conseguiu encontrar as palavras. Pensou no bilhete que colocara dentro da mochila,

o pedaço de papel que decerto encontrariam quando ela não voltasse para vir buscar a filha. Abraçou-a pelo máximo de tempo que se atreveu. Sentiu Amy a envolver todo o seu ser, o calor do seu corpo, o cheiro do seu cabelo, da sua pele. Jeanette sabia que estava prestes a chorar, algo que a mulher — Lucy? Lacey? — não podia ver, mas permitiu-se segurar Amy nos braços por mais um instante, tentando guardar aquela sensação algures na sua mente, num lugar seguro onde a pudesse conservar para sempre. E então soltou a filha e, antes que mais alguém dissesse uma palavra, Jeanette saiu da cozinha, desceu o acesso particular até à rua principal e depois continuou a andar.